

Memória da crítica – Camillo de Jesus Lima pelos pares

*Esmeralda Guimarães Meira **
*José Rubens Mascarenhas de Almeida **

RESUMO

Este artigo apresenta análise da crítica de rodapé que discorreu sobre a obra de Camillo de Jesus Lima (1912-1975). Os ensaios críticos analisados são autoria de Carlos Chiacchio, José Leite, Álvaro Meira, João Eurico Matta, Moniz Bandeira e Jacinta Passos, publicados nos jornais *A Tarde/BA*, *O Momento/BA*, *Sudoeste/BA* e *Correio da Manhã/RJ*, entre 1939 e 1956. O *corpus* compõe-se de amostragem da fortuna crítica compilada pelo escritor em seu arquivo. Tais ensaios, demonstrando maior criticidade, rompem com impressões subjetivas, caracterizadoras de grande parte dessa produção. Os estudos sobre essa crítica estão referendados por Flora Süssekind (2002) e os fundamentos da teoria marxista da literatura, desenvolvidos por G. Lukács (2010), que contribuíram no direcionamento das investigações e na compreensão do papel do escritor, do crítico, como na relação entre ambos. Constatam-se que as contradições e as transformações do período em análise refletem-se na obra literária do escritor, conforme perceberam seus pares.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica de Rodapé; Camillo de Jesus Lima; Literatura; Teoria Marxista da Literatura.

ABSTRACT

This article presents a critical analysis of the newspaper criticism related to the work of Camillo de Jesus Lima (1912-1975). The critical essays analyzed are authored by Carlos Chiacchio, José Leite, Álvaro Meira, João Eurico Matta, Moniz Bandeira and Jacinta Passos, published in the newspapers *A Tarde/BA*, *O Momento/BA*, *Sudoeste/BA* and *Correio da Manhã/RJ*, between 1939 and 1956. The corpus consists of a sampling of the critical fortune compiled by the writer in his files. Such texts, which demonstrate a deeper critical view, disrupt subjective impressions which characterize a large part of this production. Studies on this criticism are countersigned by Flora Süssekind (2002) and by the fundamentals of Marxist theory of literature, as developed by Lukács (2010), which contributed to the directing of the investigation and the understanding of the role of the writer, the critic, as the relationship between them. As one can see, the contradictions and transformations of the period are reflected on the literary works of the writer, as noticed by their pairs.

KEYWORDS: Newspaper Criticism; Camillo de Jesus Lima; Literature; Marxist Theory of Literature.

* Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *campus* de Vitória da Conquista – PPGMLS/UESB – BA/Brasil.
esmelmeira@yahoo.com.br

** Doutor em Ciências Sociais pela PUCSP; pós-doutor pela Universidad Nacional Autónoma de México; Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *campus* de Vitória da Conquista – BA/Brasil;
joserubensmascarenhas@yahoo.com.br

Antes de falar do perfil que a crítica traçou sobre o escritor Camillo de Jesus Lima e sua obra literária faz-se necessário explicar à qual crítica nos referimos, e a melhor forma para isso é localizá-la em seu tempo histórico. Como bem o sabemos, essa não é uma prerrogativa apenas da crítica. Neste texto é condição *sine qua non* para análise do processo de criação e recepção da obra literária, como também para compreender as relações entre escritor e crítico literário.

Sobre a relação entre o escritor e o crítico, György Lukács (2010, p. 231) esclarece que a interação entre eles – caracterizadora da universalidade própria aos grandes críticos e escritores, como autores de obras que refletem a “concretude de interesses humanos, sociais, políticos e artísticos” – lhes foi retirada, com a especialidade imposta pela divisão capitalista do trabalho, destruindo, “em uns e em outros, a unidade dinâmica dos fenômenos da vida, substituindo-a por 'campos' limitados, isolados, descontínuos (arte, política, economia, etc.)”. Com isso, deforma-se a totalidade da produção literária como também da crítica, colocadas, sob a vigilância do capitalismo, a falarem de um determinado lugar: o de quem fala como escritor, atendendo às imposições do seu tempo sem relacioná-las com o contexto mais geral, resultando em um produto fragilizado; e da mesma forma a produção do crítico literário, ainda mais especializada, na tarefa de fazer ver o que interessa aos meios de comunicação, dos quais se tornam dependentes profissionalmente, sem apreensão da referida universalidade.

Embora esta interpretação esteja se referindo ao início do século XX, ela se adequa aos dias atuais, e, mesmo que alguns escritores e críticos não se enquadrem nesse grupo de especialistas, sem aceitar totalmente as imposições do mercado editorial, na tentativa de resistir às especulações forjadas pelo capitalismo, acabam tendo o seu trabalho reduzido, amesquinhado. Ou seja, o fator “divisão capitalista do trabalho” impôs parâmetros ao exercício desses profissionais, refletindo diretamente nos seus perfis.

Os jornais foram o meio de veiculação que mais atingiu a grande população leitora durante a maior parte do século XX. Através desse meio de comunicação os escritores e críticos tiveram oportunidades de mostrarem suas concepções de mundo, motivando outros sujeitos a analisarem criticamente os acontecimentos por que passavam a humanidade. Isso contribuiu significativamente para a formação de opinião. Mas poucos foram os jornais em que circulavam, livremente, ideias críticas ao sistema dominante. Por isso, mesmo

a subordinação de quase toda a imprensa ao poder do capital e a cujo aparelho de propaganda política favorável à burguesia os críticos colocaram-se a serviço, sabe-se que alguns periódicos mantiveram-se ou livres, chegando a serem fechados em nome da liberdade de expressão, ou, estrategicamente articularam mecanismos de manutenção de uma relação, se não dialógica, pelo menos amena, em consonância com as transformações de cada momento histórico.

Independentemente dessa classificação, se a serviço do sistema capitalista ou se a serviço dos grupos que se diziam de esquerda, os periódicos que serviram de fonte para o estudo acerca do escritor Camillo de Jesus Lima trazem em suas páginas a chamada *crítica de rodapé*⁹, e é a ela que recorreremos para traçar o perfil desse autor a partir do que disseram seus pares. Essa é uma crítica em que se condensaram aspectos teóricos e/ou impressões de leituras de escritores, que também exerciam a função de críticos de rodapé, em sua maioria, não especializados, ou seja, não exerciam a função de crítico por formação. Por isso, boa parte dessa crítica tem caráter mais universal que específico.

As críticas que circularam no meio jornalístico, sobretudo nas décadas de 30 a 50 do século XX, em cujo período se inserem as que falam sobre Camillo de Jesus Lima, têm um caráter muito mais apreciativo do que acadêmico, o que não significa que sejam de menor criticidade que a crítica dos *scholars*, além do mais, muitas delas se sustentam ou se acercam de conceitos filosóficos, estéticos, políticos e culturais, tal qual o faz a crítica acadêmica. Estiveram incumbidas de mostrar imparcialidade em seus pareceres, articulando conceitos que dizem respeito à arte literária como um todo, sem separar forma de conteúdo, estética de filosofia, metalinguagem de realidade histórica. Os autores dessa referida crítica, conforme discorre Flora Süssekind (2002, p. 17), assumiram, por muitos anos, os rodapés de periódicos. No entanto, com o surgimento dos cursos de Letras nas universidades do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, nos anos 40, acabaram perdendo espaço para a crítica especializada, mas são inquestionáveis as grandes contribuições que, muitos deles, deram à crítica literária. A autora de *Papéis Colados* destaca dois nomes que atuaram na crítica brasileira desse período: Afrânio Coutinho e Álvaro Lins. O primeiro privilegiava valores

⁹ Textos veiculados em jornais e revistas, antes localizados na parte inferior das páginas e daí o nome “crítica de rodapé”, que com o tempo ganha espaço nos periódicos, chegando a se constituir como colunas, encartes e cadernos especiais voltados para a arte e literatura, conforme observa Flora Süssekind (2002).

estéticos e teóricos na análise da obra literária; o segundo era representante de uma análise embasada em princípios de natureza impressionista. Sússekind salienta o importante papel que desempenharam os críticos de rodapé e, tomando como referência sua pesquisa, afirmamos:

Enquanto no circuito Rio/São Paulo destacavam-se nomes como Antonio Cândido, Tristão de Ataíde, Sérgio Milliet, Otto Maria Carpeaux, Mário de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda, Wilson Martins, Nelson Werneck Sodré, Olívio Montenegro, Agripino Grieco, além do onipresente Álvaro Lins (SUSSEKIND, 2002, p. 17), também na Bahia, algumas figuras colaboravam com a crítica literária baiana e brasileira, destaque especial para Eugênio Gomes e o jornalista Carlos Chiacchio (MEIRA, 2010, p 42).

No que diz respeito à crítica à obra de Camillo de Jesus Lima, elegemos como *corpus* para esse trabalho alguns textos de Carlos Chiacchio (1939; 1941), José Leite (1944; 1955), Álvaro Meira (1945; 1954), João Eurico Matta (1956a; 1956b), Moniz Bandeira (1954; 1955) e Jacinta Passos (1955), publicados nos jornais *A tarde/BA*, *O Momento/BA*, *Sudoeste/BA* e *Correio da Manhã/RJ*. A eleição de apenas alguns dos textos da fortuna crítica, compilada em um dos tomos do arquivo pessoal de Camillo de Jesus Lima, que intitulamos neste estudo de *O Livro Azul*, traz uma amostragem da totalidade do olhar sobre o poeta e sua obra, e vem atender ao critério de uma perspectiva crítica sobre o escritor. Reafirmamos ainda: o que mobiliza as considerações às referidas críticas são as suas condições de produção no tempo e lugar, com vista às contribuições ao entendimento da obra camilliana, assim como à própria crítica literária.

A primeira crítica de rodapé que Camillo de Jesus Lima recebeu veio da pena de um incentivador da literatura baiana, considerado, no meio literário, como um dos críticos modernistas que mais contribuiu com a expressão artística, durante a primeira metade do século XX, Carlos Chiacchio¹⁰. Pela coluna Homens & Obras do jornal *A tarde*, de responsabilidade desse crítico, passaram muitos dos grandes nomes da literatura brasileira, em

¹⁰ Carlos Chiacchio formou-se em medicina, defendendo a tese “A dor” e atuou nessa profissão por muitos anos e em várias instituições, mas nunca se afastou das atividades como crítico de rodapé. Manteve, por 18 anos, a coluna Homens & Obras, no jornal *A tarde* (1928/1946) e uma seção denominada “Ala das Letras e das Artes”, no *Imparcial*, onde organizou os “Salões de Ala”. Autor de vários livros, entre os quais *À Margem de uma Polêmica* (1914), *Os Grifos* (1923), *Infância* (1938), *Biocrítica* (1941), *Cronologia de Rui* (1949) e *Modernistas e Ultramodernistas* (1951) (MOURA, 2006).

especial, a baiana, pela qual esteve em constante vigília, descobrindo novos talentos ou reavivando os que, em diversos cantos da Bahia, produziam arte e literatura. Segundo afirma Gutemberg Moura (2016), entre janeiro de 1928 e setembro de 1946, o crítico publicou 957 rodapés, principalmente de crítica literária.

Em fevereiro de 1939 foi a vez de Camillo de Jesus Lima ter sua obra sob mira do crítico modernista. Chiacchio inicia seu texto praticamente sugerindo um título ao livro inédito: *Poemas de todos os tempos*. Isto confirma o que dissera em uma carta datada de 19.02.1937, enviada a Camillo de Jesus Lima, comentando os originais da referida antologia que, inicialmente, trazia como título *Ruínas*, modificado, posteriormente, para *Poemas* (1944). Conforme exposição do crítico, ruínas não foram encontradas em sua leitura:

Camillo é sangue de Plínio de Lima, o poeta bahiano que não desapareceu, ainda, da tradição espontânea da nossa poesia regional. Veio-lhe, com o nome, a vocação das musas. E nas mostras que ora verifico definitivamente organizadas em livro, evidencia em Camillo um alto poder plástico das cousas e dos seres que lhe cercam e abrilhantam os ares nativos de Conquista (CHIACCHIO, 1939)¹¹.

No que se refere ao livro em questão, a crítica colocou o autor entre os grandes poetas “do tempo que flui”, como menciona Chiacchio: “Eis aí, força e originalidade, os traços marcantes de Camillo de Lima”, completando:

Força, que é a maneira impetuosa do estilo de versejar, de poema a poema a largo voo, cadenciado de eloquência, sem ser a grandiloquência condenada por Verlaine. Eloquência no sentimento inspirador da arte. Originalidade, por mercê dessa mesma força de concepção e fatura, que lhe garante uma situação de independência criadora, a única virtude capaz de marcar nos poetas novos a linha autêntica de uma personalidade (CHIACCHIO, 1939).

Este livro em análise ganhou, em 1942, no Rio de Janeiro, o prêmio Raul de Leoni, na Academia Carioca de Letras, concorrendo, seu autor, com escritores de todo o país, com expressiva votação da banca examinadora. As feições dessa obra, de estrutura clássica-

¹¹ Esta e as demais citações não apresentam número de páginas dos periódicos em que foram publicadas. Isso se deve ao fato da pesquisa a essas fontes primárias ter sido realizada no arquivo pessoal do escritor (tomo “O Livro Azul”), onde tais fontes estão compiladas pelo próprio Camillo de Jesus Lima, em forma de recortes, sem apresentar numeração de páginas. O titular do arquivo preocupou-se em manter os cabeçalhos dos jornais, sem se atentar ao fato da não inclusão da folha ou página onde estavam dispostos os textos.

parnasiana, não resumia a produção poética de seu autor, naquele momento. Como foi anunciado pelo mesmo crítico de *Homens & Obras*, em 1941, em parceria com Laudionor Brasil, Camillo de Jesus Lima publicara o *As trevas da noite estão passando*, um livro composto por versos modernistas e de teor social. Em resenha crítica a esta antologia, o crítico comenta:

Quem não sente no canto dos poetas uma alta expressão do sentimento geral de revolta contra os terrores panorâmicos do nosso século, em que a guerra absorve todas as atividades, justifica todas as misérias (...). Toda a canção desesperada dos poetas, que se não quiseram separados, senão unidos, para maior eco vibrador de seus cânticos, está cheia de sofrimento coletivo, de angústia da espécie abandonada nos desertos, de lampejo de raiva sagrada contra os maus, contra os vis, contra os algozes, contra todos os semeadores da inquietação satânica do ódio (CHIACCHIO,1941).

A perspectiva de onde fala este leitor em sua resenha crítica destaca, da obra poética, os seguintes versos, que comprovam o enunciado anterior: “Quando eu abri meus olhos na noite imensa, / Julguei que as asas brancas eram as asas da paz. / Mas era o motor da morte, / Que voava, no céu, vomitando petardos...” (LIMA, 1941).

Outros pares teceram críticas à obra camilliana, buscando entender a produção do autor no momento em que ela surge e as relações dialógicas que os textos apresentam, em conformidade com o abrangente campo de leitura daquele que produz, como também dos receptores da obra.

José Leite, jornalista da *Revista Cooperação*, de Itabuna/BA e dos jornais *A Tarde*, em Salvador/BA e do *Sudoeste*, em Jequié/BA, é um dos que dá esse tratamento à leitura que fez do *Poemas*(1944). Publica uma crítica no jornal *Sudoeste*, em 17 de dezembro de 1944, aplicando algumas analogias entre os escritos do poeta sertanejo e de outros escritores. Esse método comparativo e intertextual revela semelhanças ou diferenças entre autores e obras, o que não significa um consenso na opinião dos leitores, é claro, mas apresenta uma visão que medeia a relação entre leitor e obra/autor, conforme as circunstâncias da produção e da recepção. Leite compara a poesia camilliana à de Raimundo Correia e à de Augusto dos Anjos, destacando que:

Camillo de Jesus, com a saúde de seu otimismo, faz a vida mais doce, chega mesmo a convencer de que a felicidade consiste em a gente pensar que é

feliz. Raimundo Correia desilude, Camillo de Jesus, consola: “toda ventura mora em ti somente” (LEITE, 1944).

Já no caso do poeta *pré-modernista*, o crítico elege um elemento presente tanto nos versos camillianos como nos augustianos, para tentar convencer o seu leitor da existência de um diálogo entre os autores, mesmo que seja através da negação um do outro. Seria esse elemento de ligação, entre Augusto dos Anjos e Camillo de Jesus Lima, a árvore. No primeiro, “pouco importa que ele faça da árvore um símbolo para se vingar da mulher que o traiu: ' As árvores, meu filho, não têm alma ' (...)”]; já a visão que absorve da poesia camilliana é a de que há, no uso desse termo, um sentimento de proteção; “deseja ser árvore para dar sombra aos que não têm sombra: ' Sinto a ternura de um amor sem fim / e uma vontade imensa de dar sombra / a todo aquele que se chegue a mim ' (...)” (LEITE, 1944). Esta é uma leitura crítica em que se levam em conta aspectos da estética e da semântica literária, mas despreocupada com as questões de ordem histórica.

E continua sua análise, tentando aproximar o campo subjetivo da objetividade que aflora na poética camilliana, evocando outro elemento da escrita que o autor deu ênfase: a imagem das mãos. Segundo análise de Leite (1944), os versos “(...) ' As minhas mãos já agasalharam nas suas conchas/ as mãos doridas e roxas de frio dos peregrinos/ As minhas mãos já afagaram/ fontes de crianças pobres e faces de órfãos ' (...)”, lembram os cantos de amor de Alta de Souza e de Hermes Fontes, “na tessitura deliciosa das emoções que as mãos lhes despertam”. E sobre a antologia, destaca:

Em quase todos os poemas elas aparecem quentes, carinhosas, em súplicas, estorcendo-se em angustias, finas, trêmulas, agitadas, emoções em gestos, dor em linhas crispadas, saudades em dedos acenando, paixão na violência de músculos que se dilaceram, amor na carícia das mãos entorpecendo o corpo desejado, na carícia dos sentidos que querem carícia. O grande poeta de Conquista é grande de verdade. É poeta mesmo (LEITE, 1944).

Em 8 de setembro de 1955, dia em que o poeta completou 43 anos, o jornalista, em agradável coincidência, publica, no *A tarde*, uma crítica de rodapé intitulada “O poeta de Cantigas da Tarde Nevoenta”, iniciando sua exposição com a seguinte declaração: “Minam de suas páginas lágrimas e suor, gritam almas aflitas e bocas convulsas. Gargalham criaturas no

histerismo das frustrações e dos desenganos. Um livro com sabor de tragédia de tanto amargo e de tão pungente” (LEITE, 1955).

Na verdade, praticamente todo o livro é um conflito intenso de revolta, marcada pela vida daqueles com os quais o poeta se identificou, solidarizou, defendeu, e Leite (1955) atribui o caráter, às vezes trágico, outras, de desenganos, à condição pessoal do autor, da sua infância sofrida aos duros dias da maturidade:

Camillo de Jesus Lima é um homem a quem o sofrimento espremeu, da meninice até hoje... A sua sobrevivência é um milagre da obstinação do seu caráter construído a cutiladas de dor e privações. Esse Camillo que hoje anda aí de brilho seco no olhar e cor pálida no semblante plissado é um pedaço humano de uma existência em que a angústia cansou de bater. Incapaz de aniquilá-lo para não ser aniquilada, abandonou-o (LEITE, 1955).

Os versos do *Cantigas da tarde nevoenta* (1955) soaram, naquele momento, como uma onda revolta e, até hoje, vibram. Nevoenta estavam as vidas de todos que desejaram romper os paradigmas sociais com que a classe proletária e os homens humildes se deparavam, à sombra do poder burguês. Não à toa, o poeta esperou por dez anos que aceitassem a edição dessa antologia, originada da experiência de vida e luta. “As raízes dos seus versos vêm e tem de vir da terra molhada de suor, da argila e da pedra onde se bateu e se dilacerou a sua vida”, conclui (LEITE, 1955).

Essa análise destaca, também, que mesmo em meio à poesia de cunho social, o poeta lírico não se perde, pelo contrário, a vocação de poeta revolucionário se inscreve no lírico que se move de humanidade:

Em *Cantigas da Tarde Nevoenta* o que desborda é o lírico exuberante, esbanjador e pródigo em toda a fascinação da sua força e da sua beleza. Voz que o poeta não alcança emudecer. Vem a furo torrencial e impetuosa, rompendo a vontade do poeta na espontaneidade inata que se disfarça, mas não estanca. Até no tumulto das suas revoluções psicológicas, sociais ou políticas o lirismo circula quente e vivo, nas veias da maioria de seus poemas (LEITE, 1955).

Dos periódicos nos quais a crítica de rodapé circulou, o jornal *A Tarde* destacou-se por abrir espaços a colaboradores, que se empenharam na efetiva demonstração e interesse em ver a literatura baiana como parte do panorama nacional. É justo considerar a relevância do papel

que os críticos de rodapé tiveram ao assumirem seções, colunas ou páginas de crítica nos periódicos da Bahia.

O crítico Álvaro Meira, também colaborador do jornal *A tarde* e de outros periódicos baianos, junta-se aos dois anteriores, e, em 28 de setembro de 1945, apresenta, nesse periódico, uma resenha crítica à obra de Camillo de Jesus Lima. Reafirma o que já diziam outros leitores sobre a poesia desse autor e acrescenta, pontualmente, a relação entre a objetividade e a subjetividade: “seus versos, versados numa linguagem simples, falam diretamente à sensibilidade, e se não sacrificam a objetividade a emoção, cumprindo, destarte, a sua finalidade, não deixam, por isso, de ser espontâneos e belos”. A leitura de Álvaro Meira aborda questões de ordem estética em uma perspectiva que aponta para uma possibilidade de análise do belo na esfera objetiva, ou melhor, de como a realidade objetiva se apresenta na esfera literária, contribuindo, desta forma, com a desmitificação do conceito de beleza. E para comprovar essa objetividade que marca a obra camilliana, eivada da sensibilidade artística e humana, Álvaro Meira faz uma exposição analítica do poema “O papa tem fundas rugas”:

Essa poesia é um protesto corajoso do poeta, contra aqueles que, podendo, não obstaram a tempo o desencadear da fúria fascista antes que ela submergisse o mundo em “sangue, suor e lágrimas...” Essa poesia acusa a complacência, senão a aquiescência dos grandes ante os primeiros crimes do fascismo. (...) E assim é a musa de Camillo de Jesus Lima: ativa, combatente, a serviço dos grandes problemas universais. Do seu canto de Conquista, ele não se limita a cantar as belezas locais, mas olha de frente para o mundo largo e tumultuário que se desenrola para além de seu horizonte visual (MEIRA, 1945).

E, não só a poesia vem representar essa face social da escrita camilliana. Como já era do conhecimento de muitos dos pares, Camillo de Jesus Lima começava, naquele momento, a se enveredar pelo mundo do romance, enfatizando, também nesse novo gênero, a realidade de seu tempo, as pressões políticas e a exploração que sofriam os trabalhadores em terras de latifundiários, em um livro aguardado, desde aquele momento até hoje, pois que, infelizmente, não veio a lume. Referimo-nos ao romance inédito *Tristes memórias do professor Mamede Campelo*. Na expectativa da edição que não veio, Álvaro Meira escreve um ensaio, publicado na coluna “Literatura e Arte” do jornal *A Tarde*, em 11 de novembro de 1954, do qual destacamos:

Como poeta o nome do autor há muito já transcendeu as fronteiras do nosso Estado para projetar-se vitoriosamente através do Brasil, dispensando por isso maiores comentários. Como romancista que Camillo de Jesus Lima é, por enquanto, desconhecido. (...) Livro amargo esse de Camillo de Jesus Lima, livro triste, cuja leitura nos deixa impregnado na alma um gosto de cinza (MEIRA, 1954).

A conjuntura política brasileira na década de 50 poderia ter sido contributiva do avanço nas artes e na literatura, se considerarmos que, no movimento dialético das contradições, os homens (referindo a homens e mulheres) buscaram ocupar os espaços a partir das revisões históricas, objetivando mudanças, transformações. Este momento, posterior à tentativa de revolução comunista no Brasil e anterior à Ditadura Militar, seria propulsor de mudanças. Mas, o que se constata é que o romance *Tristes memórias do Professor Mamede Campelo* não galgou o lugar em que poderia estar como “romance histórico realista”, como desejou o seu autor, ficou de mãos em mãos, de editora em editora, caindo no esquecimento de todos.

Outro crítico de rodapé que se dedicou à leitura do poeta sertanejo faz uma apreciação de forma a dividir a obra camilliana em duas fases: a poesia primeira e a poesia segunda de Camillo de Jesus Lima. O autor dos ensaios críticos, uma vez que desenvolve em dois textos os seus argumentos, é o escritor e professor aposentado da UFBA, João Eurico Matta¹², com quem estivemos em 2012, em evento promovido pela Academia de Letras da Bahia, homenagem ao centenário de Camillo de Jesus Lima; momento em que revelou, publicamente, a confiança nele depositada pelo poeta. Mostra-nos, então, os originais do livro *Cancioneiro de Vira-mundo* que Camillo deixara com ele para que fizesse uma apreciação crítica, antes de uma possível edição, o que não aconteceu.

O texto em que dissertou sobre “A poesia primeira de Camillo de Jesus Lima” está em uma edição do jornal *A tarde*, do dia 19 de abril de 1956 e o em que fala sobre “a poesia segunda”, em 2 de junho do mesmo ano e jornal.

¹² João Eurico Matta é membro da Academia de Letras da Bahia, ocupando a cadeira 16, autor de vários livros, ensaios e prefácios, a exemplo de *Filosofia e Divórcio* (1953); *Os intelectuais soviéticos e a luta ideológica em Física* (1958); *Revisitando o Homo Ludens* (1998); entre outros. (ALB – Salvador. 2007). Disponível em: <https://academiadeletrasdabahia.wordpress.com/2007/04/28/joao-eurico-matta/>. (Acesso em 9 de maio de 2016).

O jovem crítico de então considerou como poesia primeira as da adolescência e como poesia segunda as da maturidade do autor, compondo a primeira fase os livros *Poemas* (1944), *Novos poemas* (1945) e *Viola quebrada* (1945), deixando à parte o livro *As trevas da noite estão passado* (1941), que foi uma produção em parceria e mereceria, segundo ele, uma análise à parte. Os livros classificados como da segunda fase estavam: o *Cantigas da tarde nevoenta* (1955) e o *Cancioneiro de vira-mundo* (inédito). Os demais livros, publicados posteriormente, ainda não eram do conhecimento do crítico, que diz:

Corre nas artérias da copiosa poesia de Camillo de Jesus Lima um sangue de duas cores diversas, duas feições, dois aspectos. Há, mesmo, um abismo entre as duas formas, a do sonetista de antanho e a do modernista de hoje. Um corte radical dissocia as duas fases, do ponto de vista formal. (MATTA, 1956a)

Para Matta (1956a), o Camillo da primeira fase ainda não havia se libertado das correntes literárias parnasianas, demonstradas no bilaquiano domínio da forma. “Não são raros os sonetos magnificamente burilados”, comenta o crítico, citando poemas e analisando-os:

Escreve poesia, esse moço, dotado de um senso vivaz da tragicidade da vida contemporânea, consciência das ' máximas abominações e depressões ', e das amarguras vitais que ele sofreu e que o tronaram materialista e jacobino (MATTA,1956a).

Mas a constatação da leitura crítica de Matta é de que esse processo de transformação se deu processualmente, do *Poemas* ao *Novos poemas*, e deste ao *Viola quebrada*. A partir destes até o *Cantigas da tarde nevoenta*, o processo foi cadenciado passo a passo. O “jacobinismo” do poeta moço não se firma de imediato, debatendo-se com o lirismo amoroso, sensual e revoltado. Além disso, toda a sua relação com o sertão, segundo afirma o crítico, pretere a chegada do social.

Do sentir a alma do sertão ao render-se àquele sentido social que o persegue, o poeta dá um pequeno passo. Entre o poema “A lição das árvores” e o “Clamor”, não há mais que sessenta páginas. Diz o poeta: 'As minhas mãos já afagaram frentes de crianças pobres e faces de órfãos... mas minhas mãos anseiam ainda por quebrar os grilhões de todos os cativos'. O intimista romântico, o lírico juvenil se faz poeta cosmopolita (MATTA,1956a).

Embora Matta (1956a) considere que o processo de construção poética de Camillo tenha acontecido em duas fases distintas, ele mesmo destaca que, na penúltima página do *Novos poemas* (1945), o poeta já anunciava a sua nova fase, como um “brado de insurreição”:

Poeta novo, da raça nova, da raça que sofre, da raça que chora.
Tira os teus olhos extasiados
Do céu que de estrelas doiradas enflora;
Das flores que nascem; Dos rios que descem chorando

Deixa, por um momento, a mulher que inspira o amor que te encanta e magoa
Poeta novo, da raça nova, põe teus olhos no sofrimento universal
(Fragmento de “Poeta novo”, LIMA, 1945).

E ao se dedicar à análise da poesia segunda de Camillo de Jesus Lima, Matta (1956b) o faz de forma acadêmica, trazendo as influências que sofreu o escritor, sua construção poética, a essência que move a poesia camilliana, como também apresentou as fragilidades encontradas no novo modelo que Camillo criou para a sua poesia.

No que se refere ao “precipício” existente entre as duas fases da poesia de Camillo, o crítico buscou uma justificativa do próprio autor que dissera ter imprimido “*animus*” na transformação visível entre a poesia primeira e a segunda, “ante os imperativos prementes da atualidade literária no mundo”. Essa *atualidade* que o poeta viu como necessária, refletindo a sua consciência política, no que diz respeito à transformação da arte conforme as transformações dos homens em suas realidades, o crítico a compreendeu como uma imposição do movimento que promoveu a Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo. Isto pelo fato de este movimento ter impulsionado mudanças literárias àqueles que já não viam sentido no parnasianismo e desejavam romper com as velhas formas, buscando liberdade de expressão.

E, para melhor compreensão do que poderia ter significado esse movimento literário na obra de Camillo de Jesus Lima, não tivesse ele mesmo buscado entender as transformações por que passou o modernismo, João Eurico Matta reedita, em seu ensaio, quão desastrosas foram as consequências para a literatura brasileira, pois, “o sentido cultural desse movimento pequeno-burguês, bem o sabemos, desvirtuou-se, confundiu-se, desorientou-se, e mesmo, degradou”. E, politicamente, traça em seu texto, as causas de tudo isso:

Mais cedo do que se pensava, um cunho mercenário, utilitário, personalista, qualquer coisa semelhante a um comércio ou 'negócio' intelectual apoderou-se daqueles representantes e usufrutuários do movimento modernista, fê-los abandonarem covardemente a esquerda ofensiva e os converteu à tibieza de um direitismo em todos os setores. Aburguesaram-se, por assim dizer (MATTA, 1956b).

Nesse segundo ensaio, o crítico de rodapé, com toda a clareza, própria aos que leem com o sentimento da razão, avalia a obra *Cantigas da tarde nevoenta*(1955) e a *Cancioneiro de vira-mundo* (inédito), considerando que ambas tiveram origem no primeiro livro de Camillo, em parceria com Laudionor Brasil, o *As trevas da noite estão passando* (1941), lançado em pleno período da Segunda Guerra Mundial, constituído, em sua maioria, por poemas antinazistas, antibelicistas. Para ele, foi ali que começou a transição do autor. Afirma, então:

Mas não o considero, e a isso quero chegar, um usufrutuário do espírito decadente de 22; isentou-se habilmente dos males desse movimento e manteve-se lídimo representante, raro talvez, do que Mario de Andrade chamaria de modernismo consciente, autêntico, limpo, semeado daquela “dor mais viril da vida”. Porque Camillo torna-se fundamentalmente um poeta de esquerda e rebela-se contra a si próprio, isto é, contra a sua Poesia Primeira (1956b).

Para exemplificar a clareza da exposição elaborada pelo Prof. João Eurico Matta, a própria poesia toma corpo, serve empiricamente à matéria em análise quando, no diálogo/monólogo de um eu lírico com um Outro que, na verdade, é ele mesmo, ou a sua negação, resultado do processo histórico por que passava, não apenas o poeta, mas a humanidade em geral:

Tu contornas teus versos de mármore com cinzel delicado,
Como se fizesse colunas para salões fidalgos.
Tu facetas teus versos de ouro com o buril,
Como se eles fossem um mimo de Celine para as mãos das princesas.
Os meus versos, eu os atiro a esmo, nas faces dos maus.
São blocos de pedra que eu tiro da alma, com marteladas fortes
Para construir, com a argamassa do sangue e de lágrimas,
O grande monumento, disforme e rude, ao sofrimento universal.

(Fragmento de “A um parnasiano”, LIMA, 1955)

Mas isso não quer dizer que tenha, de todo, se afastado do lírico, assim como, no que Matta chamou de *poesia primeira* já surgia o social, no que chamou de *poesia segunda* ainda morava o lírico, permanecendo nas composições posteriores, confirmando, na prática literária, a condição dialética da escrita como o é na vida.

A análise desse crítico não camuflou as fragilidades encontradas nesse novo/velho poeta. Disse que, mesmo predominantemente social, “o poeta ainda se perca em lirismo por vezes truístico, artificioso e tolo [...] Todavia, há o bom lirismo, tocante e original, corajoso e comovedor” (MATTA, 1956b). E, como dito acima, a permanência de alguns aspectos vão se adequando aos novos elementos, tanto na forma como no conteúdo: “reaparece, esparso, renovado, o sertanismo, o panteísmo medular do poeta e um gostoso localismo em Bahia” (1956b). E, mais uma vez, reavalia:

É este, pois, o grande poeta que marcha com as multidões, sente o povo na sua simplicidade, vibra com as emoções vulgares e as torna poéticas, na sua própria grosseira realidade. Por isso elejo-o, sem receio, como o fiz com Carvalho Filho, um poeta nacional (MATTA, 1956b).

Foi exatamente em uma análise comparativa destes dois poetas baianos, Carvalho Filho e Camillo de Jesus Lima, que Moniz Bandeira¹³ (1954) também trouxe sua contribuição crítica à obra camiliana. Revelou por meio de uma crônica, publicada no *Correio da Manhã*/RJ, características, consideradas por ele, como vanguardistas de uma poesia “enferrujada, onde as aranhas fazem teia”. Percebemos na fala de Bandeira(1954), um sentimento de melancolia e um desejo de resgate, não do tempo, que não para, não volta, mas busca o reconhecimento social de muitos escritores, na construção da história literária. A contribuição que estes deram à sociedade engrandece tanto o passado como o presente, afinal, a história

13 Luiz Alberto de Vianna Moniz Bandeira é professor universitário aposentado, cientista político e historiador, especialista em política exterior do Brasil e suas relações internacionais. Atualmente encontra-se radicado na cidade alemã de Heidelberg, onde é cônsul honorário do Brasil. É autor de mais de 20 obras, entre elas *Presença dos Estados Unidos no Brasil — Dois Séculos de História*, *O Governo João Goulart — As Lutas Sociais no Brasil (1962-1964)* e *De Martí a Fidel — A Revolução Cubana e a América Latina*. Em 2015 foi indicado ao Prêmio Nobel de Literatura pela União Brasileira de Escritores (UBE). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Moniz_Bandeira. Acessado em 28/04/2016.

literária se faz nesse processo de reavaliação, transformação, reconstrução, como parte do “grande quadro unitário histórico-sistemático”, conforme apontou Lukács (2010, p.19), confirmando o pensamento de Marx sobre a literatura.

Sobre os dois escritores baianos, diferentes e de igual importância, o crítico destaca alguns traços que os singulariza:

Enquanto Camillo de Jesus Lima procura fazer uma poesia de caráter social, uma poesia de luta, a poemática de Carvalho Filho apresenta um sentido diferente, mais filosófico, onde se acentua o anseio pela vida e predomina um forte colorido sensual. () E ao tempo em que Camillo de Jesus Lima pensa que não se pode separar a arte ou a poesia da política nos dias de perturbações sociais em que vivemos, Carvalho Filho vê a literatura como revelação ontológica do homem (BANDEIRA, 1954).

Segundo demonstra o cronista, havia, naquele momento, uma necessidade urgente de recuperar a poesia voltada para o homem e sua realidade. E volta a falar sobre “A poesia de Camillo de Jesus Lima” no jornal *A Tarde* de 7 de julho de 1955, colocando em pauta apreciação da antologia *Cantigas da tarde nevoenta* (1955), uma publicação da S. A. Artes Gráficas da Bahia. Este, como afirmou o crítico, foi um livro considerado de transição:

O poeta se envereda pelos caminhos da luta, explorando na questão social elementos dramáticos do sofrimento e da amargura. E põe-se, é claro, do ponto de vista de uma classe. O que, todavia, não nega, absolutamente, as verdades de suas palavras. Ao contrário, confirma-se pelo seu amplo conteúdo humano (BANDEIRA, 1955).

Colocando-se contrário à condição de submissão da arte e da literatura a uma ordem política, qualquer que seja, Bandeira (1955) defende que, o sentido revolucionário de uma obra é a sua independência. Mas concorda que a literatura não pode se afastar das lutas sociais e políticas. Sobre o autor, enfatiza: “Podemos divergir em muitos pontos, de sua orientação política ou literária. Haveremos de reconhecer, entretanto, em Camillo de Jesus Lima o vigor de seu estro, principalmente nos versos de caráter social e humano”. E reafirma sua convicção de que não existe arte “pura”, mas sim, defende

Uma arte que reflita as contradições de sua época, que não fuja à realidade, a fim de que venha sobre ela influir, e que, pela sua independência, se torne tendenciosa, isto é, mostre aos homens o rumo da civilização (BANDEIRA, 1955).

O sentido empregado acima por Bandeira, sobre uma obra *de tendência*, tem, no conceito, o mesmo valor dado ao *romance de tendência*, segundo definição de Engels em carta a Margaret Harkness, após analisar o seu romance *A city gils*. Explica o filósofo que ela não escreveu um romance realista ou “romance de tendência – como dizemos nós, os alemães, para sublinhar os conceitos sociais e políticos do autor”, mas também afirma que, para ele, “quanto mais dissimulados estejam os pontos de vista do autor, melhor será para a obra artística” (MARX e ENGELS, 2010, p.68).

A última avaliação à produção de Camillo de Jesus Lima, selecionada para este momento, vem da escritora Jacinta Passos¹⁴. Em crítica de rodapé publicada no jornal *O Momento*, de Salvador, em 16 de dezembro de 1955, faz observações bem pontuais, de parte a parte do livro, questionando a escrita camilliana em muitos aspectos com os quais ela não concordava, seja na estética ou no conteúdo. Muitas das indagações se referiam ao caráter social da produção de Camillo de Jesus Lima.

A escritora baiana pontua o fato de a antologia camilliana não ser uniforme, variando na forma e na abordagem temática. Segundo o olhar crítico de Passos (1955), alguns poemas do *Cantigas* refletem uma “desordem interior, choque de pensamentos e sentimentos que o poeta não consegue exprimir numa forma definida, clara”. Mas não deixa de apontar que a escrita camilliana se apresenta como consequência de um estado objetivo da existência humana, em cada tempo; refletia o momento conturbado em que o país estava mergulhado após a Grande Guerra e os sentimentos que isso provocou na humanidade.

Passos (1955) destaca alguns poemas em cujos temas e estética estão reveladas a sensibilidade e a atitude do poeta, como o “As Vinhas da Ira”, “Entrevista com Garcia Lorca”, “Cantigas de acalanto para meu filho” e “A canção da guerrilheira”. Em sua opinião, os primeiros poemas do livro não estão entre os melhores do autor, afirmando que alguns

¹⁴ Jacinta Passos é autora dos livros *Momentos de poesia* (1941), *Canção da partida* (1945), *Poemas políticos* (1951) e *A Coluna* (1958). Tornou-se jornalista na década de 40, com participação ativa em *O Momento*, escrevendo sobre assuntos polêmicos: política, transformações sociais e participação da mulher na sociedade. Colaborou com jornais e revistas do Rio de Janeiro e de São Paulo. (SITE OFICIAL DA ESCRITORA. Disponível em: <http://jacintapassos.com.br/> Acesso em 27/04/2016)

conservam motivos acadêmicos, uma prática pequeno-burguesa, que quase todos os poetas seguiam.

Conforme dito anteriormente, este é um livro considerado de transição, não tendo seu autor determinado em qual momento isso se deu (como se fosse possível), mas para Passos, no processo de feitura e composição dessa antologia, a materialização da realidade, como ponto de partida, fica mais clara.

O poeta abandona os motivos acadêmicos e descobre motivos, aqui e agora, onde antes não os via. (...) Os motivos ditos eternos, como o amor e a natureza, e os motivos universais aparecem então situados no tempo e no lugar (PASSOS, 1955).

Diante disso, ela revela seu encantamento ao ler a imagem do soldado morto, cujos braços abraçavam a linha fria da fronteira, imagem esta que considerou “escondida num poema longo demais”, e ainda advertiu sobre o sentimento de piedade, encontrado em alguns poemas. Questiona: “Diante da injustiça, a piedade não é como uma bofetada com luva de pelica dada na face do povo?” (PASSOS, 1955).

Esta reflexão levada ao público leitor do jornal *O Momento* e ao próprio escritor, ao mesmo tempo em que cobra posicionamentos mais claros por parte do autor de *Cantigas da tarde nevoenta*, de compromisso social politicamente coerente com o desejo de uma humanidade mais justa, não deixava de ser um voto de confiança em uma classe que os versos camillianos representavam, a dos proletários.

A crítica de rodapé apresentada neste estudo sobre o escritor Camillo de Jesus Lima traz à cena o perfil de um homem situado em um tempo histórico, vivendo as contradições e as transformações ocorridas entre as décadas de 30 a 50 do século XX, refletidas, substancialmente, em sua obra intelectual, conforme as perceberam seus pares. Seja no “alto poder plástico das cousas e dos seres que lhe cercam”, ou na “originalidade, por mercê dessa mesma força de concepção e fartura, que lhe garante uma situação de independência criadora”, como percebeu Chiacchio (1939); seja no “homem a quem o sofrimento espremeu, da meninice até hoje (...), um milagre da obstinação do seu caráter construído a cutiladas de dor e privações” ou na “voz que o poeta não alcança emudecer”, como o sentiu José Leite

(1955); um homem que “não se limita a cantar as belezas locais, mas olha de frente para o mundo largo e tumultuário que se desenrola para além de seu horizonte visual”, como afirmou Álvaro Meira (1945); “do sentir a alma do sertão ao render-se àquele sentido social que o persegue” Camillo de Jesus Lima “torna-se fundamentalmente um poeta de esquerda e rebela-se contra a si próprio” para se encontrar com “o grande poeta que marcha com as multidões, sente o povo na sua simplicidade, vibra com as emoções vulgares e as torna poéticas, na sua própria grosseira realidade”, como revelou João Eurico Matta (1955); um poeta que “se envereda pelos caminhos da luta, explorando, na questão social, elementos dramáticos do sofrimento e da amargura. E põe-se, é claro, do ponto de vista de uma classe”, confirma Moniz Bandeira (1955); e, portanto, toma “os motivos ditos eternos, como o amor e a natureza, e os motivos universais”, para então situá-los “no tempo e no lugar”, como afirmou Jacinta Passos (1955) ao ler as *Cantigas da tarde nevoenta*.

Após essa tessitura crítica – ressalvadas as diferenças, próprias às perspectivas assumidas por cada olhar, o que vem enriquecer a análise sobre o escritor Camillo de Jesus Lima, em diferentes fases de sua produção literária – retomamos uma afirmação de G. Lukács no Prefácio de 1965 do livro *Marxismo e teoria da literatura*. Ao analisar a obra de Thomas Mann e de outros autores, ele diz que: “toda obra de arte autêntica obedece e amplia, ao mesmo tempo, as leis de seu próprio gênero. E a ampliação ocorre sempre no sentido de satisfazer 'as exigências do momento’” (LUKÁCS, 2010, p.16). Isso serve também como conclusão à proposição deste artigo, tanto no concernente ao escritor como aos críticos, tanto à obra literária como à sua recepção crítica.

Certos disso, e por considerar o trabalho realizado pelos críticos eleitos para esta breve análise apenas uma pequena parte do que se sabe sobre a obra de Camillo de Jesus Lima, convergimos a outras possibilidades que, certamente, ampliarão o nosso conhecimento sobre a contribuição desse escritor no panorama da literatura e da crítica brasileiras, uma vez que, também atuou como crítico de rodapé em muitos jornais da Bahia, por muitos anos, sobretudo nas décadas de 40 a 60. Portanto, este trabalho é apenas uma centelha no contexto da totalidade histórica em que se insere a grande obra desse escritor baiano.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Moniz. Carvalho Filho e a poesia baiana. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 24 de julho de 1954.

BANDEIRA, Moniz. A poesia de Camillo de Jesus Lima. *A Tarde*, Literatura e arte, Salvador, 7 de julho de 1955.

CHIACCHIO, Carlos. Poemas. *A Tarde*, Homens e Obras, Salvador, 22 de fevereiro de 1939.

CHIACCHIO, Carlos. As trevas da noite estão passando. *A Tarde*, Homens e Obras, Salvador, 1941.

JOÃO EURICO MATTA. In: Academia de Letras da Bahia. Salvador. 2007. Disponível em: (<https://academiadeletrasdabahia.wordpress.com/2007/04/28/joao-eurico-matta/>) Acesso em: 9 de maio de 2016.

LEITE, José. Poemas, de Camillo de Jesus Lima. *Sudoeste*, N ° 533-29, Ano 11, Jequié, 17 de dezembro de 1944.

LEITE, José. O poeta de Cantigas da tarde nevoenta. *A Tarde*, Literatura e arte, Salvador, 8 de setembro de 1955.

LIMA, Camillo de Jesus. BRASIL, Laudionor. *As trevas da noite estão passando*. Vitória da Conquista: O Combate, 1941.

LIMA, Camillo de Jesus. *Poemas*. Vitória da Conquista: O Combate, 1944.

LIMA, Camillo de Jesus. *Novos poemas*. Vitória da Conquista: O Combate, 1945.

LIMA, Camillo de Jesus. *Viola quebrada*. Vitória da Conquista: O Combate, 1945.

LIMA, Camillo de Jesus. *Cantigas da tarde nevoenta*. Salvador: S.A. Gráficas da Bahia, 1955.

LUKÁCS, György. *Marxismo e teoria da literatura*. Seleção, apresentação e tradução por Nelson Coutinho. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Cultura, Arte e Literatura* (textos escolhidos). Tradução por José Paulo Neto e Miguel Makoto Cavalcanti Yoshida. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MATTA, João Eurico. A poesia primeira de Camillo de Jesus Lima, *A Tarde*. Literatura e arte, Salvador, 19 de abril de 1956a.

_____. A poesia segunda de Camillo de Jesus Lima, *A Tarde*, Literatura e arte, Salvador, 2 de junho de 1956b.

MEIRA, Álvaro. O poeta de Conquista. *A Tarde*. Salvador/Bahia, 28 de setembro de 1945. (Página Semanal).

_____. Tristes memórias do professor Mamede Campelo. *A Tarde*, Literatura e arte, Salvador, 11 de novembro de 1954.

MEIRA, E. G. *Muito além das tardes nevoentas: um estudo da lírica de Camillo de Jesus Lima*. 2010, 133 p., (Dissertação de mestrado em Estudo de Linguagens), UNEB/PPGEL, Salvador.

MONIZ BANDEIRA. Wikipédia, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016. Disponível em: (https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Moniz_Bandeira&oldid=46893358). Acesso em 28/04/2016.

MOURA, Gutemberg. Carlos Chiacchio. Blog do Gutemberg. Disponível em: (<http://blogdogutemberg.blogspot.com.br/search?q=CARLOS+CHIACCHIO>). Acesso em 13 de abril de 2016.

PASSOS, Jacinta. Cantigas da tarde nevoenta. *O Momento*, Literatura e arte, Salvador, 16 de dezembro de 1955.

_____. Site Oficial da escritora. Disponível em: (<http://jacintapassos.com.br/>) Acesso em 27/04/2016.

SÜSSEKIND, Flora. *Papéis colados*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.